

EDITORIAL

PESQUISAR? PARA QUÊ? PARA QUEM?

Escrevo para abrir um debate.

Escrevo sem pesquisar dados quantitativos; sem me ater a sábios autores; sem ter certezas. Trago para o debate a dúvida, germe da curiosidade que pode ser criativa ou não. Caso o leitor já tenha suas respostas às perguntas, convido-o a interromper imediatamente a leitura e não perder mais tempo. Ataque os suculentos artigos, frutos de suadas pesquisas. Por outro lado, caso o leitor já tenha feito a si essas proibidas perguntas sem nunca tê-las explorado, seja por pura preguiça ou medo de ser descoberto diante de tais pensamentos traumáticos, que podem inclusive resultar em contemporâneo fenômeno conhecido como *bulling*, recomendo que se isole de todos e leia o presente editorial escondido, sem ser notado. Por fim, caso o leitor ficou simplesmente curioso e a pergunta desperta certo ânimo para o debate, leia sem medo; mal não fará.

Desculpe me alongar na introdução deste já pequeno editorial. Apenas gostaria de reforçar que, independentemente do leitor-tipo, o presente texto não se propõe a concluir as questões lançadas. Para isso necessitaríamos de uma pesquisa mais aprofundada. Ah!!! Então já respondemos à primeira pergunta? Não. Acho que não. O certo é que, aparentemente, não se faz pesquisa que se preze, sem que as questões estejam adequadamente elaboradas.

Esta “certeza aparente” é o que fomenta a pesquisa: dúvida sobre a realidade. A pesquisa questiona o que nos é apresentado como “realidade”. Algumas das várias faces da referida “realidade” são reveladas no processo. Difícil é o pesquisador perceber que os resultados obtidos são, na grande maioria das vezes, apenas uma face da tal “realidade”.

Ok! Até dá para entender, filosoficamente, as razões de se pesquisar. Mas cabe a questão: e na prática? Para que serve a pesquisa realizada atualmente por pesquisadores dos cursos de pós-graduação em arquitetura e urbanismo? Questiona-se aqui a recente prática acadêmica que, por correr atrás de índices de produção preestabelecidos, esquece o real objetivo de sua existência. Passa-se a gerar artigos e textos pelo simples fato de estes pontuarem e garantirem boas notas aos programas de pós-graduação. Sofistica-se o sistema ao fazer uma avaliação supostamente “qualitativa” no momento em que se passa a contar o número de citações do artigo. A cada tentativa de se medirem com mais eficiência os produtos acadêmicos, o processo produtivo na universidade responde com novas estratégias para garantir a boa pontuação.

Até mesmo os alunos de graduação, que enfrentam uma Iniciação Científica, são logo cooptados pelo processo avaliativo. Alguns se candidatam para a Iniciação Cientí-

fica objetivando garantir uma boa pontuação no processo de solicitação de intercâmbio. Os mestrandos e doutorandos aprendem com seus orientadores como citarem e serem aceitos nos periódicos, sendo que em alguns cursos são ameaçados de não receber o título caso não tenham algum artigo publicado. Tudo para aperfeiçoar um sistema de avaliação que provoca a produção, mas não necessariamente a pesquisa. Não se faz aqui a defesa de uma pesquisa purista que paire acima do entendimento e avaliação dos homens. O que questionamos é o foco das preocupações. O entendimento de nossa realidade — socioeconômica, espacial, histórico-cultural, no caso das pesquisas em arquitetura e urbanismo —, não deveria ser esse o foco das preocupações no processo de pesquisa? Os valores passados para graduandos, pós-graduandos e pesquisadores não devem ser debatidos? O que de fato estamos construindo a longo prazo? Será Currículos Lattes, muito bem preenchidos e, simultaneamente, esvaziados de conteúdos?

Lidamos com recursos públicos no apoio de nossas pesquisas. O controle social desses recursos pode de fato ser facilitado pelos processos de avaliação. Nesse sentido, a avaliação ganha um sentido político divulgando avanços e precariedades da área. Entretanto esse processo não pode se sobrepor aos objetivos primeiros da pesquisa, sob risco de induzir ao erro a percepção da sociedade sobre os reais resultados que a área vem apresentando.

Não se enganem! A pesquisa na área de arquitetura e urbanismo representa a possibilidade de conseguirmos provocar pequenos deslocamentos na equação desigual de nossa sociedade. As pesquisas de nossos mestres, nas últimas quatro décadas, já possibilitaram alguma luz sobre o desenvolvimento de políticas públicas e de programas que impactaram diretamente nossas cidades. Pesquisas que fortaleceram argumentações junto a movimentos sociais, promotores, políticos, vereadores, deputados, senadores. Os debates sobre a realidade são fundamentais para transformá-la ou questioná-la.

A pesquisa tem uma importante função social que não pode ser diminuída por um processo avaliativo que imprime sobre alunos e pesquisadores valores equivocados de como se destacar entre seus pares e conquistar editais de fomento.

O trabalho acadêmico busca garantir o processo democrático. Não existe democracia sem entendimento das contradições de uma determinada realidade. O mercado não tem interesse em revelar as contradições: ele se alimenta delas. A política partidária apresenta versões da realidade, posicionando-se frente aos diferentes entendimentos. A pesquisa acadêmica não pode se reduzir a um fantoche conduzido por um processo avaliativo.

Sem conclusão. A questão, aparentemente burocrática e de resposta única, se mostra mais interessante e essencial a um país que busca quebrar velhas visões de uma suposta realidade.

JONATHAS MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <jonathas.silva@puc-campinas.edu.br>.

EDITORIAL

RESEARCH? FOR WHAT? FOR WHOM?

I am writing to open a debate.

I am writing without researching any quantitative data; without specifying scholarly authors; without certainties. I raise a doubt, a seed of curiosity that can be creative or not. If the reader has already answered the questions, I invite you to stop reading immediately and waste no more time. Engage in reading the juicy articles, fruit of hard research. Now, on the other hand, if you, reader, have already asked yourself these forbidding questions without going any further, either by sheer laziness or fear of being discovered for having these daring thoughts, which may even result in the contemporary phenomenon known as bullying, I recommend you isolate yourself from everyone and read this editorial without being noticed. Finally, if the reader is simply curious and the question arouses a certain mood for debate, read with no fear; no harm will come to you.

I apologize for dwelling in the introduction of this small editorial. I just wanted to emphasize that, regardless of the reader type, this text is not intended to answer the posed questions. This requires further research. Ah! So I have already answered the first question? No. I do not think so. What is certain is that apparently no worthy research can be conducted without first clearly stating the questions.

This ‘apparent certainty’ is what encourages research: doubts about reality. A research questions what is presented to us as ‘reality’. Some of the many faces of ‘reality’ are revealed in the process. It is difficult for the researcher to realize that the results obtained are, in most cases, only one side of this ‘reality’.

Okay! We can philosophically understand the reasons for researching. But we must beg the question: “and in practice?” What is the purpose of research currently conducted by researchers in graduate programs in architecture and urbanism? The recent academic practice of pursuing predetermined production rates is questionable, as the real purpose of their existence is forgotten. Articles and texts are produced simply to obtain and ensure positive scores to graduate programs. The system becomes more sophisticated when assessing an allegedly “qualitative” assessment when counting the number of citations of the article. At every attempt to measure the academic products more effectively, the production process at the university responds with new strategies to ensure good scores.

Even graduate students, who face Scientific Initiation, are soon co-opted by the evaluation process. Some apply for Scientific Initiation aiming to guarantee a good score before applying to exchange programs. Master and doctoral students learn from their

advisors how to cite and be accepted in the journals and in some graduate programs students are under threat of not receiving the title if they do not have any published articles. Anything to perfect a system of evaluation that demands production, but not necessarily research. I am not defending purist research that is above the understanding and evaluation of men. I question the focus of the concern. Shouldn't the understanding of our socioeconomic, spatial, historical and cultural reality, in the case of research in architecture and urban, be the focus of concern in the research process? Shouldn't values passed on to graduate, undergraduate students, and researchers be discussed? What are we constructing on the long term? Would that be well filled out *Curriculum* Lattes, but at the same time emptied of content?

We handle public resources that support our research. Social control of these resources can actually be facilitated by the evaluation procedures. In this sense, evaluation gains a political sense disclosing advances and precariousness of the field. However, this process cannot cloud the first objectives of research under the risk of misleading society's perception of the actual results that the field is presenting.

Make no mistake! Research in the field of architecture and urbanism represents the possibility of achieving small changes in the unequal equation of our society. The research of our masters, over the past four decades, has shed some light on the development of public policies and programs that directly impacted our cities. Research strengthens the arguments of social movements, prosecutors, politicians, councilors, MPs, senators. Debates about reality are imperative to transform or question reality.

Research has an important social role that cannot be reduced by the evaluation process that imposes misguided values on students and researchers on how to stand out among their peers and be awarded grants for publication.

The academic job is to ensure the democratic process. There is no democracy without understanding the contradictions of a given reality. The market has no interest in revealing the contradictions: it feeds on them. Political parties have versions of reality, positioning themselves against different understandings. Academic research cannot be reduced to being a puppet conducted by the evaluation process.

Inconclusive. The issue, apparently bureaucratic and singly answered, proves more interesting and essential to a country that seeks to break free from old visions of an alleged reality.

JONATHAS MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA | Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | E-mail: <jonathas.silva@puc-campinas.edu.br>.

EDITORIAL

¿INVESTIGAR? ¿PARA QUÉ? ¿PARA QUIÉN?

Escribo para abrir un debate.

Escribo sin investigar datos cuantitativos; sin atenerme a sabios autores; sin tener certezas. Traigo para el debate la duda, germen de la curiosidad que puede ser creativa o no. Caso el lector ya tenga sus respuestas a las preguntas, lo invito a interrumpir inmediatamente la lectura y no perder más tiempo. Ataque los jugosos artículos, frutos de sudadas investigaciones. Por otro lado, caso el lector ya haya hecho a sí esas prohibidas preguntas sin nunca haberlas explorado, sea por pura flojera o miedo de descubrirse frente a tales pensamientos traumáticos, que pueden incluso resultar en contemporáneo fenómeno conocido como *bulling*, recomiendo que se aisle de todos y lea el presente editorial escondido, sin ser notado. Por fin, caso el lector haya quedado simplemente curioso e la pregunta le despierta cierto ánimo para el debate, léalo sin miedo; mal no le hará.

Disculpe me alongar en la introducción de este ya pequeño editorial. Sólo me gustaría reforzar que, independientemente del lector-tipo, el presente texto no se propone a concluir las cuestiones lanzadas. Para eso necesitaríamos una investigación más profundizada. Ah!!! ¿Entonces ya respondimos a la primera pregunta? No. Creo que no. Lo cierto es que, aparentemente, no se hace una investigación que se aprecie, sin que las cuestiones estén adecuadamente elaboradas.

Esta “certeza aparente” es lo que fomenta la investigación: duda sobre la realidad. La investigación cuestiona lo que se nos presenta como “realidad”. Algunas de las varias faces de la referida “realidad” se revelan en el proceso. Lo difícil es que el investigador se dé cuenta de que los resultados obtenidos son, en la gran mayoría de las veces, solamente un lado de la tal “realidad”.

Ok! Hasta se pueden entender, filosóficamente, las razones de investigar. Pero cabe la cuestión: ¿y en la práctica? ¿Para qué sirve la investigación realizada actualmente por investigadores de los cursos de posgrado en arquitectura y urbanismo? Se cuestiona aquí la reciente práctica académica que, por correr detrás de índices de producción pre-establecidos, olvida el real objetivo de su existencia. Se generan artículos y textos por el simple hecho de que estos suman y garantizan buenas notas a los programas de posgrado. Se sofistican el sistema al hacer una evaluación supuestamente “calitativa” al momento en que se pasa a contar el número de citas del artículo. A cada tentativa de medir con más eficiencia los productos académicos, el proceso productivo en la universidad responde con nuevas estrategias para garantizar la buena puntuación.

Incluso los alumnos de graduación, que enfrentan una Iniciación a la Investigación Científica, son luego cooptados por el proceso evaluador. Algunos se candidatean para la Iniciación a la Investigación Científica, objetivando garantizar una buena puntuación en el proceso de solicitud de intercambio. Los que hacen maestría y doctorado aprenden con sus orientadores como citar y ser aceptados en los periódicos, siendo que en algunos cursos son amenazados de no recibir su título caso no tengan ningún artículo publicado. Todo para perfeccionar un sistema de evaluación que provoca la producción, pero no necesariamente la investigación. No se hace aquí la defensa de una investigación purista que está arriba del entendimiento y evaluación de los hombres. Lo que cuestionamos es el foco de las preocupaciones. El entendimiento de nuestra realidad — socioeconómica, espacial, histórico-cultural, en el caso de las investigaciones en arquitectura y urbanismo — ¿no debería ser ese el foco de las preocupaciones en el proceso de investigación? ¿Los valores pasados para los graduandos, posgraduandos e investigadores no deben ser debatidos? ¿Qué estamos, de hecho, construyendo a largo plazo? ¿Será Currículos Lattes, muy bien rellenos y, simultáneamente, vaciados de contenidos?

Trabajamos con recursos públicos en apoyo a nuestras investigaciones. El control social de esos recursos puede de hecho ser facilitado por los procesos de evaluación. En ese sentido, la evaluación gana un sentido político divulgando avances y precariedades del área. Sin embargo, ese proceso no puede sobreponerse a los objetivos más importantes de la investigación, bajo el riesgo de inducir al error la percepción de la sociedad sobre los reales resultados que el área viene presentando.

¡No se engañen! La investigación en el área de arquitectura y urbanismo representa la posibilidad de conseguir provocar pequeños desplazamientos en la ecuación desigual de nuestra sociedad. Las investigaciones de nuestros maestros, en las últimas cuatro décadas, ya posibilitaron alguna luz sobre el desarrollo de políticas públicas y de programas que impactaron directamente nuestras ciudades. Fueron investigaciones que fortalecieron argumentaciones junto a movimientos sociales, promotores, políticos, concejal, diputados, senadores. Los debates sobre la realidad son fundamentales para transformarla o cuestionarla.

La investigación tiene una importante función social que no puede ser disminuida por un proceso evaluador que imprime sobre alumnos e investigadores valores equivocados de cómo destacarse entre sus pares y conquistar edictos de fomento.

El trabajo académico trata de garantizar el proceso democrático. No existe democracia sin entendimiento de las contradicciones de una determinada realidad. El mercado no tiene interés en revelar las contradicciones: él se alimenta de ellas. La política partidaria presenta versiones de la realidad, posicionándose frente los diferentes entendimientos. La investigación académica no puede reducirse a un fantoche conducido por un proceso evaluador.

Sin conclusión. La cuestión, aparentemente burocrática y de respuesta única, se muestra más interesante y esencial a un país que busca quebrar viejas visiones de una supuesta realidad.

JONATHAS MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA | Pontificia Universidade Católica de Campinas | Centro de Ciências Exatas, Ambientais e de Tecnologia | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Rod. Dom Pedro I, km 136, Parque das Universidades, 13086-900, Campinas, SP, Brasil | *E-mail*: <jonathas.silva@puc-campinas.edu.br>.